

Aumenta adesão à greve na saúde. GDF ameaça, mas não corta ponto

ANA DELMONTE E
PHILIO TERZAKIS

Os médicos da Fundação Hospitalar intensificaram a greve em seu segundo dia. De acordo com a diretora de Defesa Trabalhista e Condições de Trabalho do Sindicato dos Médicos, Regina Viriato, a adesão da categoria superou os números da segunda-feira. "Praticamente 100% dos médicos estão parados". A adesão quase maciça não fez o GDF cumprir, até ontem, a ameaça feita pelo governador, no domingo, de cortar o ponto dos grevistas.

"Cristovam pediu diálogo", afirmou o diretor do Hospital Regional da Asa Sul, Lucas Cardoso Veras. Por volta do meio-dia, uma reunião marcada com a vice-governadora Arlete Sampaio, para a abertura das negociações, teve de ser adiada para hoje porque foi chamada às pressas a Aguas Claras. A vice-governadora vai intermediar as negociações entre médicos e GDF. "Como médica, acho que ela tem capacidade para fazer isso", acredita Regina Viriato.

Mesmo sem a palavra de Arlete, a categoria reuniu-se, ontem à noite, durante assembléia para reforçar o comando de greve. Para Regina, a falta de retaliações por parte do governo sugere a possibilidade de negociações iminentes. O Sindicato se diz aberto a conversas e até propõe a discussão de um cronograma de pagamento para os R\$ 220 milhões, resultado dos passivos trabalhistas de 450 médicos.

O GDF, entretanto, reafirma os problemas financeiros, enquanto o sindicato antecipa que o retorno ao trabalho normal não acontecerá enquanto não for cumprido o acordo estabelecido em setembro de 1995. Isso quer dizer que, além do paga-

mento dos passivos, os grevistas não vão abrir mão da elevação do piso salarial de R\$ 947 para R\$ 1,3 mil e do pagamento de horas-extras e tíquetes-alimentação atrasados.

Rotina – O movimento grevista é mais forte nas satélites, onde apenas as emergências dos hospitais estão funcionando. No Plano Piloto, quase todos os centros de saúde estão fechados e o Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) só atende as urgências. A menor adesão verificada pelo sindicato, no Hospital Regional da Asa Sul (HRAS), deve-se ao fato de que 90% dos profissionais do local trabalham nas emergências da maternidade e pediatria - o ambulatório funcionou com 30% de sua capacidade.

A adesão no Hospital de Base saltou de 50% para 80% dos médicos. A emergência funcionou normalmente e o atendimento ambulatorial foi suspenso. Só continuam funcionando os serviços de radiologia e quimioterapia, doação de sangue e tratamento de alergias. Pacientes transplantados e em período pós-operatório também estão sendo atendidos. Com a greve, o HBDF reduziu de 1,2 mil para 500 o número de atendimentos ambulatoriais.

A menina Keila Salvador da Silva, de quatro anos, só conseguiu atendimento por estar em meio a uma crise alérgica, mas teve de esperar quase duas horas. No Hospital Regional da Ceilândia (HRC), a dona de casa Marilene Cordeiro Barbosa, 31 anos, teve de esperar o mesmo tempo para ser atendida, apesar de ter um sangramento ginecológico intermitente. "A demora não é por causa da greve. O atendimento é sempre assim", afirmou revoltada.

Renato Alves



Paciente consegue ser transportada, mas atendimento foi demorado